



O NOVO FIGUEIRO

Director: ARMANDO SARAIVA

ESTÁVAMOS a jantar muito fraternalmente quando, a certa altura, se gerou uma discussão entre dois conterrâneos: um ele e uma ela. Tudo familiar, sem grande alteração de vozes. E o que diziam? Qual era o pomo da discórdia entre os dois? A tese da senhora assentava no pressuposto de que Fão já foi, mas agora revelava franco declínio. Era urgente revitalizar a terra, era necessário que os fagueiros se dessem as mãos para que o burgo evoluísse.

“Qual declínio?” – ripostava da sua cadeira o seu opositor. – “Então os Bombeiros e o Hospital não estão em franco desenvolvimento? E isso não é progresso?” “A discussão prolongou-se e os “contendores” não chegaram a uma plataforma comum. Cada um ficou com a sua.

O leitor, caso estivesse presente, a quem

tiveram a graça da criação de um carteiro; pois se para Esposende era preciso tal criação, muito mais necessária se torna para esta freguesia de Fão, que ella é muito mais importante, muito mais populosa e muito mais rica donde resulta o duplo da villa de Esposende”.⁽¹⁾

Sem dúvida que tanto os Bombeiros como o Hospital enriquecem a terra mas não são instituições recentes e, além disso, não esgotam o universo económico, cultural, lúdico e social que preenche a vida das comunidades.

Fão viveu essencialmente do mar. Com o rio assoreado e o desaparecimento dos estaleiros e indústrias afins, modificou-se, que o mesmo é dizer, atrazou-se em relação a outras terras vizinhas que lhe tomaram a dianteira.

EDITORIAL

ULTRAPASSAGEM

A.S.

daria razão? Admitimos, por sua vez, que, antes de responder, nos questionasse: e você por quem optaria?

Vamos lá por partes. É inegável que tanto o Hospital como os Bombeiros se encontram de boa saúde. Mas é inegável também que, desde há uns anos para cá, Fão não progrediu como outras terras do concelho. A este propósito, vamos recordar algumas expressões contidas num memorial que a Junta da Freguesia de Fão, da presidência de Francisco Dias dos Santos Borda, enviou em 1879, ao Director Geral dos Correios onde se pedia um carteiro: “Fão, Ex.º Senhor, é a primeira freguesia rural de todo o distrito e como freguesia uma das mais importantes do reino, pois que ella tam 600 fogos reais e muito próximo de 3000 habitantes entre os quais 60 capitães de navios de longo curso – 15 navios cujos proprietários são desta freguesia – tem finalmente 3 grandes fábricas de caldeirar cal, as únicas do distrito, uma fábrica a vapor de moagem, ferragens e o fabrico de linhas – um bom estaleiro, três construtores de navios e um porto de mar. Parte dos seus habitantes cuja vocação é o comércio estão em relação directa com diversas nações... Não há muito tempo, Ex.º senhor, que os povos da villa de Esposende

Em meados deste século tivemos um “fogo-fátuo” chamado Ofir que chegou a ser o “futuro do passado” fagueiro. O caro conterrâneo já viu como o nome desta estância internacional está a ser escamoteado, desprezado, ridiculamente esconjurado pela *intelligentia* local? Lobrigou acaso o nome de Ofir na nova auto-estrada nas proximidades da nossa terra?

Já reparou como as outras localidades estão a trabalhar? Anote um exemplo muito perto de nós: num cartaz profusamente espalhado a sul do concelho, no mês de Maio, a vizinha freguesia de Fonteboa anunciava *urbi et orbe* as festas em honra de S. Sebastião que se realizarão em Julho. Nesse mesmo cartaz vinham mencionadas 60 firmas que patrocinavam os respectivos festejos. Trinta e tal eram oriundas da própria terra. Será que este número de sponsors seria atingido nesta vila milenária? Nem pensar nisso...

Tenha paciência, caro interlocutor. A sua rival foi muito positiva e de muito acerto. A terra fagueira deixou-se ultrapassar há muitos anos. Em boa verdade, Fão parou no tempo.

A.S.

(1) Esta exposição foi transcrita no número anterior deste jornal, no artigo sobre os correios da autoria de Carlos Mariz e Artur Lopes da Costa. Temos a certeza que poucos a leram.

“Carta aberta ao Sr. Arquitecto Romualdo Salcedo”

Na edição de “O Novo Figueiro” de Abril foi publicada uma “Carta Aberta” de autoria do Sr. Arq. Romualdo Salcedo, como resposta a considerações proferidas pelo Sr. Doutor Soares de Carvalho sobre os problemas que afectam a Orla Costeira Portuguesa, concretamente na zona turística de Ofir.

Sem a presunção de querer confrontar as minhas ideias, com tão eminentes personalidades, especificamente na vertente científica, penso no entanto que todas as opiniões, mesmo as dos cidadãos mais comuns, podem dar um contributo positivo para a resolução dos problemas do Pinhal, Praia e rio de Fão.

Após um período algo confuso, pode-se chegar agora a algumas conclusões.

Uma delas é que estando ou não de acordo com os protestos cívicos em defesa do Pinhal, foi lançada a discussão pública sobre este tema. Outra conclusão é que os poderes públicos locais são altamente deficitários de qualidade, quando comparados com a dinâmica da sociedade civil, já que numa análise meramente superficial, são incapazes de dar respostas aos novos problemas que se põem hoje ao mundo. Os aderentes dos protestos cívicos, a comunidade científica, os genuínos moradores de Ofir não encontram eco às propostas que formulam, por incompetência, insensatez e autismo absoluto por parte de quem obrigatoriamente teria de dar seguimento e pôr em acção essas propostas.

Os cidadãos que pugnam por um Pinhal ordenado têm razão ao exigirem clareza, transparência e bom senso do que pretende a Câmara Municipal fazer de toda esta zona; a comunidade científica alerta que o avanço do mar, inevitável, irreversível e cientificamente provado, será muito mais rápido com a destruição das defesas naturais causadas por construções junto à costa, cujas consequências mais palpáveis, a médio prazo, serão a derrocada dessas construções e o desaparecimento da Praia. Os genuínos moradores de Ofir desesperam de ver toda esta zona ser usada abusada e devassada.

Estes primeiros moradores e gerações seguintes têm com Fão uma empatia sentimental que os fagueiros bem conhecem. Pela sua formação intelectual social e académica construíram as suas casas em Ofir de forma a não beliscarem a Paisagem que tanto os seduziu. A casa do Arq.º Márcio de Freitas passa despercebida por entre a vegetação, a “Casa da Cascatinha” quando

ESPOSENDE

Por ARTUR L. COSTA

Zona Industrial em 3.ª fase de obras

Está aberto concurso público para as obras de arranjo na 3.ª fase da construção da zona industrial de Esposende. Sendo "Uma das mais importantes acções da sua política" que é o desenvolvimento do parque industrial, a Câmara Municipal julga oportuno, para captar unidades e empresas industriais, em melhorar as infra-estruturas.

Nesta fase estão incluídas: obras de pavimentação das vias, o abastecimento e drenagem das águas, entre outras necessárias ao funcionamento das empresas interessadas, cujo investimento global pela autarquia é de 215 mil contos, com prazo de 18 meses de execução.

As obras projectadas visam receber, também, pequenas unidades industriais disseminadas pelas áreas Urbanas e proporcionar melhores condições de instalação e de trabalho, além do desenvolvimento e modernização dessas unidades.

Clube Rotário em última reunião Palestra sobre construção naval

"Os pequenos portos são os grandes esquecidos na epopeia marítima dos portugueses", afirmou o Dr. Bernardino Amândio na palestra proferida no Clube Rotário de Esposende, em reunião presidida por Martinho Silva, já em fase final do seu mandato.

Na reunião de 11 de Junho passado, no Hotel Nélia, havia como acontecimento a palestra sobre a história marítima de Esposende. Por isso, depois da saudação às Bandeiras e do protocolo a cargo de Mariz Neiva, com apreciação elogiosa ao palestrante convidado, veio a identificação rotária e, bem assim, o Secretariado por Agostinho Neiva.

No momento do presidente, o tradicional espaço para abordagem de temas internos, Martinho Silva agradeceu os apoios dos companheiros de mandato e, sendo a última reunião, justificou-se com afazeres profissionais pela falta de dinamismo nas acções programadas. Aproveitou, no entanto, para apresentar o palestrante com alguns dados biográficos deste conhecido investigador e historiador, jornalista, pedagogo e escritor, que justificou a importância do porto de mar de Esposende, dos seus estaleiros navais e dos navios aparelhados nos séculos XVI a XVII, além do seu historial no complexo mundo da saga marítima dos portugueses. Não deixou de referir o apresamento da frota naval de Esposende antes do "golpe" de Dezembro de 1640 e da triste situação dos armadores esposendenses devido ao acto e da sonogada riqueza local e nacional. Referiu-se, também, à mobilização dos Homens do Norte, com idades entre os 18 e os 50 anos, para a campanha da Índia, para onde embarcaram cerca de 300 tripulantes sem nunca mais serem vistos, ou conhecidos os seus paradeiros. A mobilização foi pela força, de contrário, seriam aprisionados.

Outros dos temas foi o aparecimento da catraia, embarcação de pequeno porte, utilizada na pesca e que o Vigário Velho da Costa referiu no Inquérito paroquial de 1758. A catraia, afirmou, trata-se da réplica das embarcações usadas no século XVIII e de maior porte, que transportavam pequenas encomendas entre os navios fundeados ao largo e descarregadas no Terreiro do Paço, em Lisboa, tripuladas por "catrairos". O modelo não é, por isso, original de Esposende, disse.

Assistiram companheiros rotários de Esposende e da Póvoa de Varzim.

O comentário final à reunião esteve a cargo do companheiro António Martins de Oliveira.

Abstenção ganhou mais uma vez

O quadro de resultados é bem claro quanto ao desfecho de mais um acto eleitoral: O Parlamento Europeu. Porém, há algumas considerações a fazer quanto ao seu desfecho, entre elas, o avanço do PS no Concelho de Esposende que obteve mais votação, nas seguintes freguesias: Esposende, Fão, Marinhãs e Palmeira de Faro.

Recordamos que, nas anteriores eleições o PSD recebeu "cartão amarelo" e o efeito começa a surgir, embora o desgaste constitua um forte motivo para levar os eleitores a repensar a intenção de voto.

O PCP, coligado com o PEV, mantém o seu eleitorado, enquanto o CDS/PP continua a 50% de distância dos Partidos mais votados.

Assinalamos que, mais uma vez, triunfou a abstenção, daí a alta percentagem em que o PSD, apesar de tudo, e a nível nacional, "segurou" o seu eleitorado. Fica-se por conhecer, todavia, qual o efeito obtido com a gigantesca operação "Mário Soares".

PARLAMENTO EUROPEU - RESULTADOS DAS ELEIÇÕES 1999 NO CONCELHO DE ESPOSENDE							
FREGUESIAS	INSCRITOS	PCP/PEV	PSD	PS	CDS/PP		
ANTAS	1739	19	249	249	97		
APÚLIA	3422	13	593	335	260	ABSTENC.	
BELINHO	1836	18	345	199	133	58.3%	
CURVOS	707	1	183	109	64		
ESPOSENDE	2429	65	274	557	155		
FÃO	2249	63	334	410	121		
FONTEBOA	1061	0	185	96	97		
FORJAES	2133	37	350	338	67		
GANDRA	863	10	161	144	83		
GEMESSES	933	5	176	116	136		
MAR	1040	14	192	143	47		
MARINHAS	3924	59	577	657	365		
PALMEIRA	1765	31	250	270	101		
RIO TINTO	594	1	141	78	61		
VILA CHÁ	1264	4	132	103	75		
		340	4142	3804	1862		
TOTAIS	25959	VOTANTES 10.821					
		PERCENTAGENS	3.14%	38.27%	35.15%	17.20%	OUTROS 6.2%
		MANDATOS	2	9	12	12	

Centro Cultural de Forjães 90 mil contos de obras

Está em concurso público as obras de 2.ª fase de construção do Centro Cultural de Forjães, com investimentos no valor de 90 mil contos.

Após a conclusão da 1.ª fase de recuperação do edifício Escola Rodrigues de Faria, com a introdução de "um novo uso" num "velho espaço", considera-se que o Centro Cultural de Forjães, depois desta construção (sem alterar, significativamente, a sua traça original), a Câmara Municipal de Esposende julga ser possível a sua entrada em funcionamento no próximo ano.

Tem interesse saber-se que se vão manter os painéis de azulejo da autoria do Mestre Jorge Colaço, o pintor que renovou a arte nos azulejos entre os séculos XIX/XX.

A 2.ª fase de obras constam de infra-estruturas para a utilização do edifício: no rés-do-chão, o auditório polyvalente, camarins, sanitários e sala de apolo, com bar em ligação à esplanada; duas salas de exposição e outra de documentação local e, ainda, recepção e atendimento. No exterior: sala de exposições para artesanato local e para etnografia e peças de valor museológico; anfiteatro para recreação e actividades ao ar livre.

Será através desta obra de recuperação do

edifício antigo da Escola Rodrigues de Faria que a Câmara Municipal de Esposende pretende dotar a vila de Forjães com equipamento necessário, para a "Criação de espaços sócio-culturais", numa localidade, onde há tradições e capacidades, para actividades neste domínio de âmbito lúdico.

Delegação do Município de visita a Ozoir, França Intensifica actividades

No âmbito do protocolo de geminação celebrado entre o Município de Esposende e o de Ozoir-Le-Ferrière, França, deslocou-se uma delegação para contactos entre as autarquias, com vista à dinamização e animação de actividades.

Desde 3 a 7 de Junho que a delegação de Esposende, dirigida pelo Vereador Albino Penteado Neiva, ocupou-se em contactos formais em Ozoir, entre os quais, os trabalhos para futuras acções, além da próxima deslocação a Esposende.

Dos acordos estabelecidos, de âmbito cultural, recreativo e desportivo (exemplo da deslocação da equipa de futebol e do Rancho das Moleirinhas, de Marinhãs) outras se apontam como indispensáveis para um melhor conhecimento entre as populações. Damos, em destaque, o resumo das conclusões.

No decorrer da estadia da delegação esposendense, o cortejo etnográfico, encontros de futebol, visitas às escolas, às instalações da Câmara Municipal, piquenique na floresta, o circuito dos castelos medievais e localidades históricas, além de convívios com os naturais e os portugueses radicados em Ozoir, foram as actividades que

permitiram tomar conhecimento da cidade geminada com Esposende, os seus hábitos, a cultura, o desenvolvimento económico e social. O tempo não ajudou muito e o baile dedicado à delegação ficou por cumprir. De referir, a entrega do galhardete do clube Rotário de Esposende, ao Clube local, pelo Dr. Mariz Neiva.

No decurso da visita o Maire, Jacques Layer, em breve comentário, disse do seu gosto na visita a Esposende e, quanto à geminação: "É muito bom para mais estreitamento entre as duas comunidades e as crianças, as associações, como nas geminações habituais. Vai tudo muito bem, porque somos a União Europeia". Álvaro Moreira, um esposendense que influenciou a geminação, deixou algumas das suas opiniões. Reside em Ozoir há 30 anos, além de mais de dois mil portugueses.

O protocolo de geminação com Ozoir data de Agosto de 1996, depois de ratificada nos respectivos Municípios.

A delegação de Esposende era constituída, além do Vereador responsável pela geminação: Jorge Cardoso, Vereador da Acção Social, Mariz Neiva, pela Assembleia Municipal; Carlos Viana, pelas Associações de Antas sobre meio Ambiente; Albino da Venda, pela Associação Comercial/Industrial e Artur L. Costa, da Imprensa Regional.

(Continua na pág. 3)

ESPOSENDE

BY ARTUR L. COSTA

(Continuado da pág. 2)

Resumo das conclusões da reunião de trabalhos, em Ozoir-Le-Ferrière:

1 - Criação de uma bolsa do Associativismo de cada Município por forma a que cada Associação possa conhecer o Movimento Associativo de cada cidade e escolher, caso haja interesse, o seu parceiro de diálogo e cooperar com acções conjuntas. Foi informado de que a Comissão Europeia poderá subvencionar os intercâmbios entre as Associações das Cidades Geminadas;

2 - Incrementar o Programa das Escolas Transplantadas entre os dois Municípios, estando neste momento a decorrer conversações entre alguns directores de Escolas das duas cidades. Sugeriu-se que este intercâmbio escolar começasse pelo 1.º ciclo;

3 - Foi lembrado que se desse a conhecer aos Municípios o endereço da INTERNET de cada cidade por forma a um melhor conhecimento da realidade de cada uma;

4 - Ficou acordado de que se iria começar no Ano 2000 a iniciativa do Dia da Cidade em cada um dos Municípios, cabendo a cada um a promoção das suas actividades (culturais, desportivas e de animação);

5 - Ficou acordado a inclusão no Protocolo de cada Município dos endereços oficiais por forma a dar a conhecer as actividades que se vão realizando em cada cidade.

Clube Rotário em rotação de tarefas Apolar a Juventude

Os valores morais, o apoio à juventude, a comunidade de projectos iniciados em mandatos anteriores, foram os objectivos traçados pelo novo presidente do Clube Rotário de Esposende, Manuel Amaro, na cerimónia de rotação de tarefas.

Na reunião festiva de 26 de Junho findo, no Hotel Néllia, depois da tradicional saudação às Bandeiras, do protocolo pelo Dr. Mariz Neiva e da Secretaria por Agostinho Neiva, procedeu-se à identificação rotária.

No momento do presidente, o habitual espaço da reunião para assuntos de interesse geral, Martinho Fernandes despediu-se do mandato e distinguiu os companheiros por si considerados os seus apoios e sem os quais teria dificuldades de cumprir o mandato: Agostinho Neiva, Dr. Mariz Neiva, D. Dulce Ferreira Lages, Geraldo Malgueiro da Silva, Dr. Brás Marques, José Armando Ferreira. Fez, também, a entrega do emblema símbolo da presidência ao companheiro Manuel Amaro Alves Marques, gerente comercial, com pouco mais de um ano de inscrição rotária. Assinala-se, assim, a passagem do novo mandato.

Dos companheiros presentes houve intervenções relacionadas com o acontecimento do dia e, bem assim, do Ideário rotary. Recordado o companheiro falecido, Manuel Ferreira, também, José Augusto, do Clube de Barcelos, o iniciador da fundação do Clube em festa.

Manuel Amaro, no exercício do mandato, referiu a função como "novas tarefas, mais responsabilidades, uma nova forma de estar em rotary". Mais adiante, afirmou: "Rotary exige mais afirmação, que haja mais intervenção na sociedade e na comunidade local" e citou o lema do mandato:

Do programa, do presidente do ano 2000, destaca-se: reunir mais vezes com os Clubes de características similares, em especial, o Clube de Barcelos (o clube padrinho); dar voz a valores

consagrados da nossa terra e através de palestras de vários temas; angariação de fundos para uma instituição de solidariedade social ou, para casos envolvendo pobreza radical; seminário sobre o tema: a juventude e o desporto; fomentar a juventude rotária. Encerrou as intervenções o representante da Câmara Municipal de Esposende, o Vereador Dr. Jorge Cardoso.

Estiveram presentes à reunião, representantes

dos Clubes de Esposende, Barcelos, Braga-Norte, Viana do Castelo, Ponte da Barca, Ponte de Lima, Fafe e Póvoa de Varzim e o Arcipreste de Esposende.

Afinal, "Servir sem pensar em si", continua a ser a máxima que norteia o ideário do rotary, sem perder de vista a relevância da Juventude num projecto disseminado pelo Mundo. A bem da paz.

A.L. Costa



Representantes de Esposende e autarcas de Ozoir-Le-Ferrière, no Castelo Visconde (Vaux)

PAGARAM A ASSINATURA

Farmácia Higiénica, 2000\$00; Fernando Linhares de Castro, Póvoa de Varzim, 1000\$00; João Maria Ferreira Ribeiro, 2000\$00; D. Maria Judite Mota Pais, 1500\$00; José Capitão Neto, 1000\$00; Elvira Pires de Carvalho, 1500\$00; Manuel Vale de Sousa (1000\$00); D. Amélia Sousa do Vale, 1000\$00; Manuel Maria Vasquinho, 1000\$00; Carlos Alberto Graça Peixoto, 1000\$00; Ernesto Pereira de Azevedo,

Brasil, 2000\$00; Victor Manuel Baptista Pinso, 1000\$00; José Malgueiro, Esposende, 1000\$00; Dr. António Oliveira, Esposende, 1000\$00; D. Maria Eugénia de Jesus Carlos, 1000\$00; Carlos Daniel de Jesus Carlos, 1000\$00; Eng. Adelino Carvalho Vale, 12.000\$00; António do Carmo Teixeira, V. N. Gaia, 1000\$00; Doutora Flora Caldas, Lisboa, 1000\$00; D. Deolinda do Vale Gois, Lisboa, 2000\$00; D. Maria Henrique F. Vale da Nova, 1000\$00.

A curva de Fão endireitou-se

Ninguém se recorda quantos mortos houve na fatídica curva da ponte de Fão, entrada do lado norte. E, quantos anos se passaram, até se endireitar?

Todos os dias a curva provocava um acidente com viaturas, ligeiras ou pesadas, com mortos e feridos graves. Felizmente, alguns dos ocupantes, safam ilesos, apenas com o susto e de verem o fantasma da morte. Esta fatídica curva, finalmente, está desactivada, foi cortada ao trânsito, deixou de provocar o luto e o dó de muitas famílias, mesmo do estrangeiro. Sem contar com a saída para o rio, a alfomada milagrosa que evitou muitas desgraças.

O espaço pelo "endireita" está destinado a missão mais pacífica, com a Casa Amarela de

permeio, mas de interesse social. Segundo informou Fernando João Cepa, presidente em exercício da Câmara Municipal de Esposende, será para um circuito de manutenção pedonal (apeado) ou para Bicicletas, onde cada um poderá, calmamente, "esticar as pernas", ou, se for candidato a concurso de elegância aí terá a oportunidade de se transformar "em chico fininho". Quanto aos



A curva da ponte "fechada" a cimento e ferro

ciclistas, vão banir-se de qualquer rua Direita e, vão deixar a "peonagem" sem o cuidado de fingir um qualquer deles que lhes apareça de surpresa,

Artur L. Costa

OS CORREIOS – História e evolução desde a antiguidade (X-1 PARTE)

(CONTINUAÇÃO)

CORREIOS DE FÃO

1 – Novas instalações

A segunda casa que acolheu os Correios, em Fão, situava-se na Rua Azevedo Coutinho, lado sul, à entrada da Alameda do Senhor Bom Jesus. O edifício, após uns anos de falta de conservação, deu origem a estudos de futura e urgente transferência de instalações. Passou, inclusivé, pelas inundações de Março de 1960. O edifício era propriedade de João da Silva Ramalho, mas vendida no Porto. Demolido por derrocada, depois deu lugar a conjunto de apartamentos. No rés-do-chão funciona um café e bar.

As circunstâncias, ao tempo, impediam os serviços de se manterem no local, e por absoluta falta de condições. Por isso, por interferência de Carlos Domingues Mariz e Artur L. Costa, foi possível arrendar a António Gomes de Baixo, o prédio do Largo Conde de Agrolongo, depois de obras de adaptação. A Estação foi, então, reinstalada, com frente para a Rua Azevedo Coutinho e saída de serviço pela Rua da Igreja. A inauguração ocorreu a 5 de Maio de 1965 e foi a 341.ª realização do Plano de Instalação e de Reinstalação de Estações de Correios.

Desde a criação e da inauguração da Estação Telégrafo-Postal, há cem anos, teve o telégrafo Morse. Na época era o melhor para transmissão, à distância, de mensagens escritas, mas veio a ser desmontado em 1939. O serviço de telegramas passou, então, a ser transmitido via telefone, designado Fonogramas. Este serviço, inicialmente, estava centralizado em Braga. Posteriormente, devido à passagem para as Telecomunicações, enquanto as ligações regionais eram feitas em directo, as restantes, mesmo internacionais, faziam trânsito na Estação Central Telegráfica do Porto, na dependência da Circunscrição Técnica do Porto.

Decorrido este período de tempo, o serviço é transmitido pelo sistema Telecópia, CORFAC (Fax para os particulares) que é mais rápido e eficiente, com a vantagem de lermos por quem foi escrito e assinado.

2 – Classificação da Estação – Serviços

Depois de inaugurada, há cem anos, a Estação teve a classificação de 2.ª, mas devido à reclassificação das Estações, em 1921, passou para 3.ª classe e a 10-10-1929 baixou à 4.ª classe. Depois, é reclassificada como Estação Regional, mas só baixou em 6-11-1940. Com a reclassificação seguinte, CTF – Estação de Correio Telégrafo e Telefone, a partir de 12-6-1958, retoma a categoria de 3.ª classe.

Com as mudanças verificadas a partir de 1992, efectua-se a separação física entre Correios e Telecomunicações, com duas empresas a operar no País, a classificação das Estações adoptam nova designação: EC – Estação de Correios, com indicação do Nível de classificação. No caso de Fão, EC-1.

3 – Instalação do Telefone

Ainda o Telefone dava os primeiros passos e já a Câmara Municipal de Esposende pedia a sua instalação em Fão (28-7-1894). Houve largo

compasso de espera, pois nada era fácil, nessa época.

A Junta de Freguesia de Fão pediu, em 17-11-1930, a instalação de uma cabine para a estação de Fão, pois estava em montagem o traçado entre Barcelos e Esposende, aproveitando-se o traçado Porto-Viana do Castelo, a passar em Fão.

Esposende estava a três quilómetros e pedem que a linha se estenda até Fão pois, da exposição constava: mais de 2000 habitantes, comércio e indústria valiosos, riqueza particular avultada, era estação balnear notável, tinha Misericórdia e Hospital, Bombeiros Voluntários, duas Farmácias, médico municipal e outro com clínica particular, Estação Telégrafo Postal, duas carreiras diárias de passageiros para o Porto, em breve teria a linha férrea. A cabine telefónica, em Fão seria, também, importante para Apúlia, Fonte Boa e Rio Tinto.

O Telefone veio a ser inaugurado a 6 de Janeiro de 1931, conjuntamente, em Esposende e Fão, com cerimónias de impacto nas duas localidades e a presença de altas individualidades do concelho e do Distrito. Um piquete dos Bombeiros Voluntários, formado junto aos Correios, prestou a guarda de honra ao Governador Civil de Braga. Coube ao Prior de Fão, Padre António Alves Nogueira, dar as boas vindas a que o Governador agradeceu e fez, de seguida, uma ligação para o Presidente da República, tendo falado com o Secretário; depois, com o Ministro do Comércio.

Acompanharam as autoridades, o Comandante do RI 8 de Braga com cinco oficiais, o presidente da Comissão Administrativa da Junta Geral do Distrito de Braga; o Comandante da Região Militar de Braga e o Presidente da Câmara Municipal de Esposende, além das entidades locais. Antes, estas mesmas entidades haviam inaugurado o telefone em Esposende.

O primeiro assinante da rede de telefone, em Fão, foi António Sá Pereira, conhecido e conceituado construtor civil, cujo nome está ligado a numerosas construções para o Estado.

Em 7-11-1932 a Junta de Freguesia pediu um segundo Posto Telefónico Público a fim de ser garantido o serviço urgente após o encerramento da Estação. Veio a ser instalado na Pensão Peixoto que funcionava na casa da família Sotto Mayor, em frente à Casa Penetra. O horário era prolongado de Julho a Setembro e completo no restante ano, a partir de Agosto de 1933.

A Pensão mudou para o edifício que existiu junto à ponte, no troço da EN-13, em gaveto com o arruamento dos Bombeiros. Foi encarregado do Posto, Jerónimo Peixoto, reformado da GNR, que pediu a transferência do telefone para o novo estabelecimento, mas a Junta de Freguesia opôs-se (ofício de 14-8-1940) e propôs a instalação na mercearia de Manuel de Jesus Alves Lopes, que funcionava ao lado do Peixoto. A Junta de Freguesia alegou haver melhor serviço com a mudança para todo o ano. Porém, a justificação de haver dificuldade em arranjar horário mais dilatado (22 horas), pelo menos, em dias úteis e a Estação passar, em breve, à categoria de Regional, a circunscrição de Exploração do Minho, a título experimental, satisfaz o pedido do encarregado (of. de 5-1-1940). A Junta manifestou desagrado.

As obras na EN-13 e na ponte metálica

obrigaram à demolição do prédio e a Pensão do Peixoto foi ocupar totalidade da Casa do Relógio.

4 – Posto de Venda de selos e telefone

Cerca de 1950 foi criado um Posto de Venda de Selos no Ramalhão, mercearia de Adelina Cardoso Barra, para onde veio a ser transferido o Posto Telefónico Público n.º 2 de Fão. Este estabelecimento, entretanto, encerrou e o Posto Telefónico foi para o estabelecimento de António Francisco Torcato, na Avenida S. Januário (981218).

Na Rua Serpa Pinto foi instalado, em 7-5-1974 um terceiro Posto Telefónico, a cargo de Virgínia Campos da Venda. Já era Posto de Venda de Selos e a sua Encarregada, com nomeação feita a 25-7-1967. Está devidamente sinalizado, com caixa e placa de Telefone.

No Hotel de Ofir, tempos depois da sua abertura, foi instalado um Posto de Venda de Selos Inicialmente, sinalizava o Posto a caixa afixada na entrada principal do Hotel, mas foi transferida para o Posto da Guarda Fiscal, sendo substituída por marco postal, modelo pequeno.

Curiosamente, a Administração dos CTT mandou incluir na Lista de Estações e Postos: Ofir (Fão) – Esposende – tem postos de assinantes que pertencem à rede de Esposende.

Há um Posto Telefónico nos Lfrios a cargo de José Pilar Patrão.

Fão dispõe de Central Telefónica automática para servir a área sul do rio Cávado, de capacidade superior a 2000 assinantes. A obra foi executada em 1990, quando o Eng.º José Gonçalo Areia era o presidente do Conselho Executivo das Telecomunicações.

De assinalar, a finalizar, Fão dispõe de duas cabines no centro cívico e no período balnear o serviço é reforçado, pela Telecom, com equipamento móvel, telex, fax, entre outros.

Carlos Mariz e Artur L. Costa

(Continua)

Súplica

Mestre! Estou cansada...
O meu espírito está desorientado entre os "meus"!
Preciso da Vossa ajuda...
Mas como Vos ides lembrar de mim, lá dos altos céus?

Em dúvidas tem sido a minha caminhada...
Como me atrevo, agora, a pedir-Vos para ser lembrada?
Mestre! É que o Mundo está louco!
Olho à minha volta e não posso fazer nada!

Sel que Deus-Pai criou o Homem
E o entregou ao seu próprio juízo!
Mas deu-lhe mandamentos e preceitos...
Como fazê-los cumprir,
E cada um de nós ter os seus próprios direitos?

Mestre! Estou cansada, desorientada e ferida!
O meu coração está em chaga!
Mas o que mais me faz doer
É ver tanta criança morrendo de fome,
Sem eu nada poder fazer!

Senhor! Inclina os Vossos céus e desce!
Estendei lá do alto a Vossa mão,
Porque é nela que existe a força, o poder e a rectidão!
E os puros e os inocentes protegem!...

Maria Duval

PÁGINA JOVEM

Olá jovens! Cá estão as férias! Mais um ano de trabalho que se cumpriu, e agora o merecido descanso. Divirtam-se e... Boas férias!

ZECA AFONSO

Cavaleiro Andante da Utopia e da Poesia

(Continuado)

Havia salas com boas dimensões mas a temperatura refrescara muito e acabámos por resolver fazer a audição ao ar livre.

Havia uma espécie de eira limitada por três lances de paredes altas muito brancas criando uma espécie de anfiteatro com bastante boas condições acústicas.

Entretanto chegara o grupo do Algarve e a Marta com o seu desembaraço e que já conhecia os cantos à casa, tinha num instante, com a ajuda de algumas compras feitas no percurso para o "monte", preparado uma ceia alentejana simples mas saborosa: um gaspacho, migas, queijo de ovelha semicurado, azeitonas.

Ficamos a conversar um pouco aguardando que anoitecesse. Deixamo-nos envolver pelo silêncio e pelo encanto da noite.

Iniciámos depois a audição de José Afonso.

O luar da sua voz ergueu-se até aos céus, espalhou-se pela campina, misturou-se com o vago rumorejar da noite, envolveu-nos como sempre com o seu sortilégio duma voz única, duma pureza, duma frescura, duma premência sem paralelo, entroncado no melhor, na mais autêntica essência do lirismo nacional.

Ouvimos "Quem tem uma mãe tem tudo..." ... "Eu quero ir para o monte que no monte é que estou bem"... "Só se lembra dos caminhos velhos..." ... "Verdes são os campos a cor do limão", "Ó ribeiras chorai que eu não volto a cantar"(...)

ANTÓNIO CORTESÃO
in "A CINCO VOZES"

(Continua)

Esta página tem o patrocínio de:

FOR BODY
SPORTSWEAR

O marginal que escrevia poesia

*O seu rosto perdido no meio da
Multidão...*

*As vozes esquecidas
que o chamavam...*

*Os muros degradados
onde escrevia palavras
sonhadas em vazios
reais...*

*A cidade a desfalecer
nos seus braços...*

*E de novo aquele
sol intruso que o
tocava...*

*O voo dos anjos
nas suas letras...*

*O desprezo dos reis...
de nós...*

*E alguém que ainda
sem nome sabia
a rima de cada
poema.*

ANA GONÇALVES

(17 anos)



Desenho de JOANA SÍLVIA (10 anos)

PAUSA PARA sorrir

Um indivíduo muito preguiçoso morreu e foi enterrado.

Mas depois começou a haver falatório na aldeia sobre a possibilidade de ele ter sido assassinado.

O Juiz mandou desenterrar e abrir o caixão. O morto estava com um ar sereno e com as mãos nos bolsos.

O Juiz olhou demoradamente e concluiu:

– Não, senhor, não houve crime. Ele morreu mas foi de acidente de trabalho!...

Um professor de História explica aos alunos:

– As primeiras coisas escritas foram gravadas em pedra.

– Nesse tempo não havia papel? – pergunta um aluno distraído.

– Claro que não, menino! Estamos a falar da Pré-História! – responde o professor irritado.

– Ah! Que quantidade de selos que nessa altura deviam ser precisos para mandar uma carta! – comenta o aluno.

Artificial

TUDO ARTIFICIAL

A COR, O ODOR, O SABOR

TUDO EM VÃO

PORQUE FALSO

ODOR SEM ESSÊNCIA

TALVEZ IMITAÇÃO

TUDO PRATA

ALMA FRAGMENTADA

FILIPA MAGALHÃES

(18 ANOS)

CONVERSANDO...

Por CECÍLIA PAIXÃO AMORIM

Constatai esta primavera que mal se realiza qualquer manifestação cultural, popular ou religiosa em Fão, o povo acode em massa e manifesta, com a sua presença o agrado que isso lhe dá causa.

O conjunto das várias actividades que foram apresentadas no Bom Jesus de Fão, no mês de Abril, são a prova cabal de que o povo tem fome e sede de manifestações deste género e de outros similares.

Fão só se anima na Páscoa e na Festa do Bom Jesus.

Parabéns a todos os que participaram neste projecto, mas não chega apenas uma festa por ano.

Há razões para haver uma certa continuidade e conjugar todas as forças da terra para um despertar rigoroso e sadio.

Vou fazer aqui um reparo sobre um assunto que há muito me martela a cabeça: juntar à volta duma mesa redonda, a Junta de Freguesia, os Bombeiros Voluntários, a C. C. de Fão, o comércio e todos aqueles que se interessam pelo progresso de Fão, e darem as mãos para valorizar as potencialidades que Fão ainda pode oferecer.

É tempo de acabar com uma certa "guerrilha" que existe entre estes parceiros sociais.

Todos juntos podemos despertar Fão do marasmo em que se encontra.

Não devemos consentir que as "politiquices" e os orgulhos, destruam o que Fão ainda pode oferecer.

Falo como fangueira e não por qualquer outro motivo.

Não há aqui reparos para ninguém, mas apenas um apelo para salvar Fão.

Está de parabéns a C. C. de Fão.

Consegui ao fim de alguns anos de luta, um lugar à sombra para poder expandir todo o sonho que a tem acompanhado durante alguns anos.

Quero aqui, como uma das fundadoras, apresentar os meus agradecimentos a todos aqueles que nunca duvidaram das suas capacidades e ao seu papel na vida desta terra.

Deve isso à tenacidade e à esperança que sempre acompanhou alguns dos fundadores desta obra e de outros que sempre a acarinham.

Agora é preciso trabalhar e não deixar fugir a oportunidade.

Quando posso vejo um programa na Televisão que se chama País... País... que mostra o que de belo existe na nossa terra.

Portugal é um país lindo mas muito ignorado. Através deste programa, tenho conhecido lindos recantos e grandes iniciativas que acabam por ser conhecidas nas aldeias, vilas e lugares deste encantador país.

Há grupos folclóricos, artesanato, centros de cultura, exposições, etc.

Não sou invejosa, mas sinto em mim um pouco desse pecado... e lembro-me logo de Fão.

Esposende é hoje uma cidade agradável, florida e limpa.

Bem sei que sem dinheiro nada se faz, mas com os braços cruzados ainda é mais difícil.

Temos alguns restaurantes, uma boa praia, doces regionais, um rio maravilhoso, um belo jardim em acabamento, bonitas igrejas, uma vila agradável, etc., etc., que divulgados dão suporte para muita coisa.

Também há gente capaz de grandes feitos.

O que é preciso é começar, reunir, falar e despertar.

Vamos entrar no milénio e não podemos ficar agarrados apenas às nossas memórias.

Temos que escrever nossas páginas.

A juventude tem que acordar. Apelo para ela para perpetuar as glórias de Fão.

VISITAS

Visite a exposição de Fotografia de Fão Antigo na nova sede da Cooperativa Cultural de Fão.

Visite o arraial minhoto aos sábados junto à Escola Profissional. Ajude o C. F. de Fão

ROUXINOL

Recebemos o Rouxinol da Escola Básica de Fão 1. No próximo número diremos algo sobre este jornalzinho.

DONATIVOS PARA A CADELA XICA

Propositadamente inserimos a factura apresentada pelo veterinário da Póvoa que operou a cadela que foi manchete no penúltimo número de "O Novo Fangueiro".



CLÍNICA VETERINÁRIA DA PÓVOA

Carlos Casanova de Sousa
Cadastrado nº 118
Paula Rosário Pinheiro
Cadastrado nº 121

Cadela abandonada
Xica

14/3		
- Ind. inject. inf.	800 x 4 =	3200
- Amot. inf. inf.		3000
- Col. pio		6200
		17000
		75000



CLÍNICA VETERINÁRIA DA PÓVOA

Carlos Casanova de Sousa
Cadastrado nº 118
Paula Rosário Pinheiro
Cadastrado nº 121

- Corante		4000
- Rx		4000
- Injeção		800
		8800

É que houve alguém que não se acreditou na generosidade da dona do Café Chalé e foi perguntar à Clínica Veterinária da Junqueira se era verdade que a sobredita senhora tinha desembolsado 18.000\$00 para pagar a assistência médica a uma cadela abandonada.

Como diz a prima Josefina: "Há gente para tudo", apresentamos a seguir a lista dos donativos.

Fátima Figueiredo, 1000\$00; Elizabete Cruz, 500\$00; Rosa Costa, 1000\$00; América Solinho, 500\$00; Laura Martins, 500\$00; D. Helena, 2000\$00; Deolinda Neiva, 500\$00; Rosália Solinho Oliveira, 1000\$00; A.S., 1000\$00; Felícia Leites, 500\$00; Begas (filha do Crespiano), 500\$00. **Infantário:** Aurora, 1000\$00; Lola, 500\$00; Paula, 500\$00; Inês, 500\$00; Didinha, 500\$00; Virinha, 500\$00.

VENDE-SE

Uma lagareta de ferro, uma dorna e 5 pipos de 150 litros, de 100 e 50 de carvalho, tudo em bom estado e por metade do preço.

Motivo: mudança de residência.

Falar com Adelino Saraiva.

Telef. 981703 ou 989301

DAR SANGUE É DAR VIDA



SANGUE: dar hoje, para ter amanhã
SANGUE: o dever de dar,
antes do direito de o receber



REIMELI

EQUIPAMOS HOJE AS GARAGENS DE AMANHÃ

ALTA TECNOLOGIA • ASSISTÊNCIA TÉCNICA
APROVEITE O CRÉDITO REIMELI/LEASINVEST



ELEVADORES 2 COLUNAS



LAVAGEM AUTOMÁTICA



ELEVADORES 4 COLUNAS



TESTE DE TRAVÕES



LAVAGEM ALTA PRESSÃO

Visite as nossas Exposições:



PORTO - RUA 5 DE OUTUBRO, 212 - TEL. 80 91 018 - 80 83 748 - FAX 86 73 65
LISBOA - RUA ANDRÉ GOUVEIA, LOTE 1893 - TEL. 759 72 04 - FAX 7597200

“Carta aberta ao Sr. Arquitecto Romualdo Salcedo”

(Continuado da pág. 1)

bem observada oferece uma agradável paz interior, o imponente pinheiro no meio do quarto 110 do Hotel do Pinhal demonstra a sensibilidade e o respeito e a admiração pela natureza de quem o projectou e construiu. Estes exemplos avulsos de entre muitos e muitos outros, demonstram os propósitos que nortearam a edificação adentro do Pinhal. Estas casas carinhosas, com “alma”, práticas, discretas estão emocionalmente ligadas à adolescência dos fangueiros, hoje com mais de 35 anos, cada uma delas também é um pedacinho “nossa”. Os genuínos moradores de Ofir movidos pelos seus valores éticos, integraram-se no dia-dia de Fão colaborando activamente na resolução e obtenção de muitas mais valias para a nossa terra. Foram os mais preciosos “colaboradores” do Eng.º Sousa Martins na projecção e internacionalização turística de Ofir. Por estas e muitas mais razões, compreendo o desgosto do Sr. Arq.º, mas discordo totalmente no apontar dos culpados. Os verdadeiros não são o vulgar Povo “piqueniqueiro” mas sim quem abdica das responsabilidades deixando estas áreas ao “Deus dará”. A APPLE, a Câmara Municipal e a Junta de Freguesia falharam propositadamente no ordenamento e defesa da zona costeira de Ofir. Estes são os culpados, Sr. Arq.º, e é contra todos eles que a nossa indignação deve ser dirigida.

A APPLE é um organismo dos Governos, os seus directores cumprem uma comissão política, usufruem das benesses, regalias e mordomias inerentes à função que ocupam e depois partem para outras paragens. A Câmara Municipal intencionalmente aplica a velha teoria de quanto pior melhor, para justificar a construção sem nexos. Não exige reforço policial junto do Ministério da Administração Interna, nem tão pouco obriga a GNR local a punir os infractores, não concorre a programas comunitários de requalificação ambiental, não faz o menor esforço para exigir da APPLE medidas de protecção preservação e valorização do Pinhal, não recorre a incentivos do Governo para minimizar o prejuízo dos proprietários dos terrenos. Cede a lobbies de pressão, fecha os olhos à lei, abdica da sua função de zelar pelos interesses comuns. A Junta de Freguesia é uma extensão da Câmara Municipal neste e noutros assuntos, há já muito tempo que deixou de se afirmar.

Um último pedido Sr. Arquitecto: confronte as vossas construções com as actuais e veja se nota diferenças, interrogue-se se os propósitos que levaram os seus Pais a terem a casa em Ofir são as mesmas dos empreiteiros de hoje, pergunte-se se estes novos moradores são da mesma qualidade intelectual e humana.

Findo a “Carta Aberta” não sem antes escrever que se calhar os nossos filhos não terão o privilégio de gozar o Pinhal e Praia de Ofir tal qual nós a gozávamos. Em pleno já não, os feitos esporões, o areal cada vez mais estreito, o Pinhal devassado af estão para o provar.

José Luís Vieira Ribeiro

L.A. – VEGAS E “FRISCO” SÃO GRANDES ESTÚDIOS

Por DIAS COSTA

Foram 3.140 quilómetros os que 44 viajantes percorreram na Costa Oeste dos Estados Unidos, no excelente autocarro 440 (coincidência...) e com colaboração de Sérgio Figueiredo (ACP-Viagens), do competente guia profissional que é o brasileiro Hugo Auler e do seu compatriota Osmar, como motorista. Mais os milhares, claro, da ligação Porto e Lisboa a Londres e Los Angeles e volta. Bem como do voo ao esplendoroso Grand Canyon, fazendo parte dos cinco milhões de turistas que, anualmente, visitam aquela grandiosa obra de Deus, que “deixou” para os seres humanos a construção de Las Vegas. Assim se visitaram os Estados da Califórnia, Nevada e Arizona, tal como Los Angeles, Santa Bárbara, Disneylândia, os estúdios da Universal, Carmel, Monterey, S. Francisco, Parque Nacional Yosemite, Lagos Mammoth, Death Valley e Deserto de Mojave, Las Vegas, Grand Canyon e San Diego. Uff!

Sem o objectivo de citar tudo nesta pequena crónica de viagem, apenas a tentativa de contar algo do mais curioso, insólito e invulgar dos “estates”. Por exemplo, que Los Angeles, Las Vegas e S. Francisco são como grandes estádios, tantos os filmes que se fazem nas suas ruas. No espaço de 3,5 horas, em sete locais de L. A. rodavam-se filmes, numa cidade que tem cinco distritos, 86 cidades filiadas, 22 aeroportos (um com o nome do inesquecível John Wayne) e uma auto-estrada de 120 quilómetros! Por contraste, uma pequena e linda rua, a Rodeo Drive, a mais cara do mundo, pois só tem as lojas de todos os grandes nomes da moda. Com o sopé das árvores rodeados por lindas flores e limpiíssima, aspecto extensível a quase todos os locais que visitei...

Ainda em L.A. a calçada da fama, com os nomes dos artistas que pagam para lá figurarem (receitas para obras sociais) e a outra, junto ao Teatro Chino, de Hollywood, com as mãos gravadas dos grandes artistas, como a nossa Carmen Miranda, ao lado de Frank Sinatra e Julia Andrews.

Também o Music Center, onde se entregam os “Óscares”, com o monumento de apelo à paz mundial ao lado, a mais antiga casa da cidade na zona mexicana de Olvera Street, o Hospital Sinai Medical Center, da maior comunidade, que é judia, e onde morreram James Stewart e Frank Sinatra, lá sendo tratada Elisabeth Taylor, sem excluir o Roosevelt Hotel, com bem documentado museu sobre o nascimento de Hollywood.

BANDEIRAS “GAY” E BANDEIRAS U.S.A.

Atenção de todos ainda atraída pelas bandeiras, nas varandas, com as cores do arco iris, indicando que ali mora alguém “gay”, como vi na zona de Castro, em S. Francisco, sem esquecer as bandeiras dos Estados Unidos em centenas de casas de diversas cidades, com relevo para a bonita San Diego. Uma bandeira de Portugal, em Montrey, a lembrar que foi zona de fábricas de sardinhas, com presença de muitos trabalhadores lusos, agora passadas a hotéis e restaurantes, embora mantenha referências ao seu “corredor de enlatamento”, na

rua que vai dar ao excelente e bem fornecido aquático.

Depois, as grandiosas montanhas de Yosemite, com quedas de águas espectaculares, o rio Merced lá em baixo, lagos transparentes e uma capela onde se efectuam casamentos de todos os credos religiosos, apesar das muitas capelas de Las Vegas para os casamentos “à la minute”, em grande concorrência. Como contraste, o passar-se de 3031 metros de altitude (“sentida” por alguns viajantes) para o nível do mar, no deserto de Mojave e no seu Death Valley (Vale da Morte), com 123 espécies diferentes de lindos cactos com flores, contraponto das gigantescas sequoias de Big Sur. Que não pudemos abraçar...



Na vasta Califórnia, também os extensos campos agrícolas, com grande variedade de produtos, vendo-se os trabalhadores das colheitas em acção e noutra local os seus muitos carros. Na costa, zona de Malibu, as casas de madeira que tiveram incêndios e de que só restam as chaminés(!), no Pacífico vastas zonas de algas que protegem as focas dos tubarões e as muitas residências de artistas bem nossos conhecidos. Como é caso de Clint Eastwood, em Carmel, de que foi presidente quatro anos, e que abrange o Parque das “17 milhas”, com muitos campos de golfe, a juntar aos 35 de L. A. e aos 80 de S. Diego, podendo ainda brincar-se com dezenas de quilos simpáticos que “assaltam” os turistas.

Em S. Francisco, o pitoresco das viagens nos tradicionais “cable-cars”, a curvilínea e bonita rua das flores, a visita à Golden Gate que vemos nos filmes, muita música nas animadas ruas do Cais 39, muito peixe e marisco e a famosa sopa de ameijoas “Clam Chowder”, metida em pão francês, a fazer de concha. E também o “sinistro” Alcatraz, agora museu, e o Golden Gate Park, que levou 40

(Continua na pág. 10)

O BOM JESUS DE FÃO

POR CARLOS MARIZ

PADRE GONÇALO LOURENÇO CARDOSO VIANA

Sobre este sacerdote o dr. Albino Campos no n.º 11, de 27-7-1958, de "O Fangeiro". Também o Dr. Armando Saraiva traçou o perfil deste Pároco de Fão, no n.º 102, de 10-11-1992 de "O Novo Fangeiro", tendo especialmente por base o testamento do padre. É importante o conteúdo destes textos, que não vou repetir.

Creio que o Padre Gonçalo L. C. Viana era natural de Vila Praia de Âncora. Veio para Fão a 3-2-1855 e serviu esta paróquia de Fão mais de 48 anos, pois faleceu a 8-3-1903. Foi o primeiro a usar o título de Prior (até aí eram Reitores).

Recebeu a paróquia das mãos do Bacharel José Joaquim Leite Ribeiro, que era então o Pároco Encomendado. Este padre fangeiro várias vezes substituiu o Padre Gonçalo Viana, quando este se ausentava temporariamente de Fão.

Foi um sacerdote muito zeloso, que procurou manter as tradições religiosas do povo fangeiro e introduziu também a devoção ao Sagrado Coração de Jesus, cuja imagem foi entronizada na sua gerência, em altar que mandou construir. Devoto do Santíssimo Sacramento, contribuiu do seu bolso e angariou colaboração de amigos seus para a construção da Tribuna e, no seu testamento, impôs a realização da devoção das 40 horas, em que a Hóstia Consagrada fica no trono, para adoração dos fiéis, agravando com esse ónus a doação da sua residência para morada paroquial. Esta cerimónia tem lugar no dia do padroeiro - São Paio - também uma das suas devoções.

Preocupou-se com o ensino das letras às crianças, pelo que se bateu pela construção de edifício próprio para as escolas e procurou levar os professores a um melhor ensino religioso e devoção das crianças pela oração, como ressalta das imposições que fixou para o Prémio Prior, para o que doou o respectivo capital, quando da inauguração das Escolas Amorim Campos. Foi a Junta de Paróquia, que presidia, que em 12-5-1864 pediu a Criação da escola para as meninas, comprometendo-se a Junta a dar casa e mobília. O lugar veio a ser criado por Decreto de 8 de Maio de 1866 e nomeada a 8-2-1867 professora para o lugar, por três anos, Maria do Carmo da Cunha Sotto Mayor, com o ordenado de 90 mil réis, pagos pelo Estado e mais vinte mil réis pagos pela Misericórdia de Fão. (Note-se que a escola de meninas, para Esposende, só foi criada a 28-10-1873).

Exerceu grande actividade para o progresso de Fão, obtendo vários melhoramentos e auxílios financeiros do Governo, por intermédio de seus amigos o Conde de Castro, o Par do Reino Dr. Manuel Paes e o Visconde de S. Januário. Foi no seu Chalet, que existia onde hoje se encontra o Salão Paroquial, que o Visconde se obrigou, perante ele, a conseguir a construção da ponte de Fão.

Por iniciativa sua se principiaram as obras de completa reforma da Igreja Matriz, tendo obtido do Governo, para o começo dessas obras, mais de quarenta mil réis, dinheiro do antigo real da areia, sendo o resto pago por contínuas e pesadas derramas.

Obteve do Governo quatrocentos e tantos mil réis para a construção do Cemitério Paroquial.

Obteve de António Ribeiro de Carvalho a doação do altar de Santa Ana.

Conseguiu do Governo e das Bulas da Santa Cruzada 400\$000 réis para a freguesia.

Obteve para o Santíssimo Sacramento um pavilhão, que custou 150\$000 réis.

Deu do seu bolso, à freguesia, uma cruz de prata, que custou 150\$000 réis.

Conseguiu de Manuel Pinto de Amorim Campos um turbido, naveta e galhetas de prata.

A seu pedido João Simões deu à Confraria do Santíssimo Sacramento um cálice de prata.

Promoveu a pintura e douramento da igreja matriz, construção de varandins, o relógio para a torre, etc., em que foram gastos 800 mil réis, dando a Junta de Paróquia apenas 70\$000 réis de cem mil réis que ele conseguiu da Bula.

Dotou a freguesia com um órgão de tubos, que importou em 624\$000réis, devido à sua iniciativa e dinheiro seu, com ideia de conseguir um sino grande para a torre, para o que contou só com o seu bolso mas veio a ser auxiliado por um grupo de amigos. Doou-o à Junta a 2-2-1902, com condições: ser administrado pelo pároco e quem quisesse abrilhantar festas pagaria taxas, para garantir a sua conservação. Mas, dessas taxas, ficava isenta a Associação do Sagrado Coração de Jesus.

Foi presidente da Junta de Paróquia desde a sua posse até 11-4-1870.

Nesta data o Governador Civil de Braga dissolveu a Junta, por alvará e nomeou uma Comissão Administrativa, presidida por António Pinto de Campos Júnior, tendo como vogais José Dias dos Santos Borda e José Joaquim Cardoso (comendador). Este veio a ser substituído, a seu pedido, em 12-2-1871, por José da Silva Areias.

A causa da dissolução da Junta foi a desobediência à ordem do Governador Civil, de 26-2-1870, que mandava dar pronto andamento às obras da Matriz. O Mestre Pedreiro requereu marcassem data para iniciar os seus trabalhos. Contra a vontade do Presidente (Prior) e do Regedor, os outros membros da Junta exararam no requerimento despacho mandando esperar e subir a decisão superior. Na altura alguns paroquianos, que não contestando a necessidade da obra, achavam as colectas da derrama exorbitantes, reclamaram fora do prazo. Esta decisão da Junta foi considerada desacato à autoridade.

A Comissão Administrativa, logo após a posse, ordenou aos Mestres Carpinteiro e Trolha a demolição dos telhado da igreja. Mas, então, um grupo de cidadãos de Fão, com o argumento que as areias inundariam a zona, logo que se desse o corte dos pinheiros e, portanto, o local era inconveniente para a localização da igreja e porque não se iriam fazer novos alicerces, tornando insegura a obra, requereram ao Tribunal Judicial de Esposende o embargo da obra. Estas pararam, só sendo reiniciadas a 22-9-1870.

O Pároco voltou à presidência da Junta em Janeiro de 1875 (por eleição), mas, logo a 17 desse mês, a Junta se desentendeu sobre a solução a dar a um requerimento de moradores sobre a administração do pinhal e a autarquia não mais funcionou normalmente. Desentenderam-se também quanto ao cemitério, que o Pároco dizia ser Paroquial e os outros Municipal. Resultado: a Junta foi demitida em 12-4-1875.

O Prior voltou a ser eleito presidente da Junta em Janeiro de 1878 mas logo surgiu um grave problema pois um dos vogais, Francisco Borda e moradores de Fão e Fonte Boa apresentaram um requerimento contra a venda do sargaço apanhado na praia aos domingos e feriados, que era arrematado anualmente em Janeiro e cujo produto, há muitos anos, revertia para a Junta de Paróquia. Também surge uma reclamação, fora do prazo, por não ser colectado na derrama a cóngrua de 30\$000 réis para o Cura, que, na sua falta, revertia para o Pároco. O Prior considerava não se tratar de indústria e, portanto, estar isenta.

A 25-8-1878, devido às disposições do Código Administrativo, tomou posse nova Junta, presidida por Francisco Dias dos Santos Borda.

A 2-1-1890 o Pároco foi eleito para a Junta mas, na escolha entre os seus membros, por eleição secreta, ficou como vice-presidente. A 5-1-1890 tomaram conhecimento que o Tribunal Administrativo, por Acórdão de 24-12-1889, rejeitara um dos vogais. Então o prior pretendeu nova votação para escolha dos cargos. O Presidente, José de Passos de Jesus Ferreira não concordou, dizendo "o que está feito, feito estava..." visto que tinham de tomar posse no dia dois, segundo a lei. Só a 4-1-1891 o prior veio a ser escolhido para Presidente da Junta de Paróquia, cargo que desempenhou até falecer.

Foi Juiz da irmandade do Senhor Bom Jesus (1856/1857), sendo considerado irmão remido a 27-9-1857, por ter mandado fazer o quadro do descimento da cruz, para a sacristia.

Fez parte da Comissão que tratou da servidão da Avenida (EN13) para as Rodas, da Primeira Comissão para angariar fundos para construir a estrada para o mar (1888), da Comissão de Auxílio a Náufragos (1897), da Comissão para construção da Alameda do Bom Jesus e da Comissão para construção do Asilo, que foi ideia sua, pretendendo dotar a Santa Casa da Misericórdia de Fão com um amplo edifício para a sua sede, Hospital e Asilo. Contribuiu logo com duzentos mil réis e cedeu os seus terrenos do Priorado para esse fim.

Foi sócio fundador do Clube Fãoense.

Tendo o Pároco de Esposende, Padre Carlos Maria de Pass Pereira Maciel deixado de paroquiar a 20-2-1896, devido aos seus padecimentos, o Arcipreste de Barcelos anexou a Paróquia de Esposende à de Fão. Quando, a 23 de Fevereiro de 1896 o Prior se encontrava na Matriz de Esposende, para participar que fora incumbido da missão de paroquiar aquela freguesia, interinamente, houve distúrbios dentro e fora da igreja, tendo o nosso pároco sido insultado.

A 13-3-1896 foi entregue na Junta de Fão um protesto de desagravo do povo de Fão.

Cioso dos seus direitos, protestou junto do Director da Alfândega de Esposende, por terem levantado os cadáveres de dois pescadores de Esposende, que haviam dado à costa, na praia de Fão, sem sua prévia licença (27-4-1896).

Em resumo: O Padre Gonçalo Lourenço Cardoso Viana foi um devotado Pároco de Fão, talvez o maior de todos, pela sua acção, e um grande fangeiro.

A 3 de Janeiro de 1925, em sessão especial do Conselho Municipal, o presidente, Doutor Alexandre Torres propôs se desse à rua da Igreja, em Fão, o nome do Prior Gonçalo Cardoso Viana "pelo muito que trabalhou para melhoramentos públicos em Fão", o que foi aprovado. Parece foi a única homenagem prestada a tão grande homem e... pelos de Esposende!

O seu jazigo, no cemitério de Fão, nem sequer tem o seu nome!

Notas: Texto baseado nas actas da Junta de Paróquia, especialmente de 17-1-1875; 31-1-1875; 20-2-1875; 4-3-1875; 17-3-1875; 12-4-1875; 25-1-1878; 16-2-1878; 4-3-1878; 19-4-1878; 25-8-1878; 21-1-1890; 5-1-1890; 4-1-1891; 4-1-1892; 13-1-1896; 2-1-1890; 1-7-1896; 2-1-1899; 1-3-1896; 20-4-1896; 2-1-1892; 2-2-1902; e 20-9-1896; Livro de Anuais do Senhor Bom Jesus; acta da Mesa do B.J. de 20-1-1925; Livro de Previlégios da C.M. de Esposende, Fls. 166 (1867).

AGRADECIMENTO

A família de Maria de Lourdes da Silva Pereira, recentemente falecida, vem por este meio agradecer muito profundamente a todas as pessoas que tomaram parte no funeral da querida extinta ou que de outro modo lhe manifestaram o seu pesar e solidariedade.

CANTINHO DE PORTUGUÊS

Gaivota macho - deve dizer-se gaivota macha e não gaivota macho, pois a palavra macha é um adjetivo e, por isso tem de concordar com o substantivo em género e número.

Deve dizer-se: cobra macha, borboleta macha, assim com falcão macho, etc.

Isto aplica-se aos nomes de animais que não são biformes, isto é, que não tem duas formas, uma para o masculino e outra para o feminino, como cavalo/égua, bode/cabra, etc.

CUMPRIMENTOS

Teve a amabilidade de nos endereçar cumprimentos pela passagem do 15.º aniversário do nosso jornal, o nosso prezado amigo eng. Adelino Miranda Marques, dinâmico Presidente da Direcção da Associação Humanitária dos dadores de Sangue de Esposende.

Gratos pela gentileza.

“Pedreiras é como uma Nação” Águias de Serpa Pinto rumo ao futuro

Entrevista conduzida por ARTUR L. LOPES

A deliberação da Câmara Municipal de Esposende de compartilhar, em cerca de sete mil contos, o “Águias de Serpa Pinto”, Associação de Cultura e Recreio, em Fão, aguçou o interesse de se conhecer as razões pelas quais, foi atribuído este valor à instituição fangueira.

Contactámos, então, José Lavandeira do Monte, um pedreirense convicto, capaz de tudo pelo bem do “seu território” e, disse-nos: “Aqui, tudo o que fazemos é sempre no espírito e na ideia de nunca acabar”.

O Novo Fangueiro – Tem em projecto a construção de sede e balneários. Acha que o lugar de Pedreiras é “como uma Nação”?

José Lavandeira – Não diria isso... acho que já merece um espaço destes. Como se pode ver, referi algumas vezes que nas Pedreiras só existia uma Escola, de construção recente. Não acha que veio dar um bom suporte às crianças, porque senão teriam de se deslocar, para muito longe? Já havia quem a contentasse, mas vê-se: a Escola é um melhoramento e um bem integrado e um suporte à Associação Águias de Serpa Pinto e de boa colaboração.

O Novo Fangueiro – As actividades da “Águias” vieram alterar o modo de viver desta zona?

José Lavandeira – Na parte desportiva... não se pense que é só futebol. Neste momento temos o polidesportivo e, antes, nada mais tínhamos. Portanto o futebol era uma actividade fácil e mais barata, para onde as pessoas estão mais apetecidas. Desde os seniores, infantis, a equipa de futebol feminino que participou no torneio internacional de Marinhas, tudo isto é uma força, que será um bem para o “Águias”. Enquanto for presidente, nem penso que será um clube filiado; o “Águias” será uma Associação de amadores. Convém contrariar o espírito de outras vias ditadas pela juventude, que não é a mesma de há 20 anos. Era o que havia nesse tempo, depois de acabar a Missa.

O Novo Fangueiro – Que outras actividades, além do futebol?

José Lavandeira – Temos a parte recreativa. As coisas vão surgindo à medida que temos espaço, que é muito importante.

O Novo Fangueiro – A sede vai alterar os projectos futuros?

José Lavandeira – Sim, vai alterar e muito. Como fangueiro, fico muito triste quando se constata porque a Câmara atribuiu esta ajuda. Esta Associação precisa, porque é um grupo de associados. Não interessa a categoria das pessoas e aos domingos não tínhamos nada. Era o café e, não será nele, que vamos resolver os problemas, nem procurar o saber, nem a cultura. É que, se organizássemos um torneio mesmo de ping-pong, fosse lá o que fosse, tínhamos dificuldades de espaço, tínhamos que recorrer ao café do Caldeirão. Há pouco tempo, fizemos um torneio de matraquilhos, coisa inédita, mas caiu muito bem nas pessoas.

O Novo Fangueiro – A sede trará desenvolvimento; mas como vão pagar?

José Lavandeira – Já temos a participação da Câmara Municipal de Esposende, do Ordenamento do Território. Pelos números, nesta 1.ª fase, temos balneários e a sede. As obras estão compatíveis com o orçamento, sem mobiliário e outros equipamentos. A sede vai-nos dar esse espaço...

O Novo Fangueiro – Então como nasceu este movimento?

José Lavandeira – Eu disse um dia às pessoas, que acreditava nelas e acreditei... e nunca falharam na hora certa. Isto vem do tempo de Alberto Figueiredo, o presidente da Câmara; vem do tempo de Fernando Vilar (Pieira). Digo que foi este o grande impulsionador para a sede do “Águias” para estes espaços que surgiram no horizonte. Ao menos, aos domingos ou à noite, temos a juventude, all juntos...

O Novo Fangueiro – Qual foi o comportamento da juventude aos vossos projectos?

José Lavandeira – Está a aderir, não a só das Pedreiras, mas também a de Fão. Por exemplo: a equipa feminina de futebol é composta por jogadoras daqui e de lá de baixo. Do Ramalhão aos Lários, é tudo de Fão. Nem

passa pela cabeça dos responsáveis do “Águias” provocar divisionismos, porque é uma Associação para todos que queiram aderir.

O Novo Fangueiro – O que se deve fazer para ser sócios?

José Lavandeira – É simples: faz a proposta de associado e paga uma quota, irrisória, de 100\$00 por mês ou de 1200\$00 por ano.

O Novo Fangueiro – Está satisfeito com os dirigentes?

José Lavandeira – Estou muito satisfeito! Sem eles não era nada e também o “Águias” não teria a projecção que tem. Tenho trabalhado muito, mas há outras pessoas que também têm trabalhado.

O Novo Fangueiro – Como vão angariar fundos?

José Lavandeira – Temos trabalhado dentro deste prisma: após a oficialização do “Águias”, estamos sempre à espera que nos dêem e por isso, temos muitas actividades para sermos reconhecidos pelas entidades oficiais. Sempre nos disseram: “Tem de semear para colher...” Tenho feito ver isso aos dirigentes jovens e sempre temos alcançado ajuda. Não podemos ficar toda a vida à espera que seja a Câmara, o Governo Civil, o Ordenamento do Território. Queremos, é que perante dificuldades nos objectivos propostos, sejamos apoiados, ajudados por essas entidades.

O Novo Fangueiro – Está a contar com a Junta de Freguesia?

José Lavandeira – Sem dúvida. Têm sido um bom suporte... Já no tempo de Fernando Vilar (Pieira) ele foi como disse atrás, o número um deste projecto e não vejo nada o presidente ser ou não daqui ou de baixo. Isto está nas pessoas. Acredito que outras pessoas tenham outras ideias... nada temos contra a Junta de Freguesia.

O Novo Fangueiro – Porque nasceu esta Associação “Águias de Serpa Pinto”?

José Lavandeira – Um grupo de jovens das Pedreiras, hoje de 37 anos, “os papás de agora” ou os pais dos filhos, começaram a ver a responsabilidade, que há. Naquela altura socorreram-se de minha pessoa por causa do futebol. Ainda não tinha 20 anos e arranquei com a ideia, com toda a naturalidade, mas no espírito de criar um clube, associação, coisa útil nas Pedreiras. Nos jogos, eram aos 15 e mais nos torneios onde

participávamos. Mas comecei a ver os grandes clubes de Fão a desaparecer. Naquela altura, o Desportivo do Bairro, o MPCC, melhor estruturados acabavam, mas nós resistimos. Estávamos inseridos nesta zona das Pedreiras que tem um modo diferente de viver. Acho que temos um espírito próprio e ninguém pode tomar isto a mal.

O Novo Fangueiro – Fomos informados que o que é feito nas Pedreiras, é para todo o tempo! É isso?

José Lavandeira – Parece que sim; essa será a verdade. Ainda há pouco tempo se criticava sobre a marcha das Pedreiras. O “Águias” nunca se neteu nisso. Eram pessoas das Pedreiras, entre elas, elementos da Associação. Podemos assumir essa como uma das actividades do “Águias”, sem nunca criar divisões com alguém. Aqui tudo o que fazemos é sempre no espírito e na ideia de nunca acabar.

O Novo Fangueiro – Conseguem desviar a juventude de locais menos convenientes?

José Lavandeira – Vamos ter sede, um espaço. Fão é terra revisteira, de cultura, temos bons artistas. Tem-se perdido muito por causa das quezílias que nem tem razão de existir. Estou convencido que se vai conseguir uma secção cultural forte.

O Novo Fangueiro – Está a pensar no teatro de revista, uma tradição de Fão?

José Lavandeira – Não só, mas fazer actividades desse género, de teatro, porque não? Se temos artistas, tudo vai depender da época, das pessoas, da sua apetência por estas coisas. Vamos procurar manter a tradição. A juventude não é a mesma de outros tempos. A Escola tem muita influência. Se encarreirarmos o “Águias” com a Escola, todos juntos, podemos ir mais longe.

O Executivo Municipal atribuiu ao “Águias” a verba de 6.670 contos; de Ordenamento do Território recebeu 5.800 contos; outras verbas poderão surgir para a construção de sede e balneários. O Águias de Serpa Pinto, Associação Recreativa e Cultural, de Fão, oficializou a sua situação em 25 de Maio de 1994. Contudo, criou-se em 30 de Maio de 1975, mantendo-se em actividade permanente até 1999, com fortes probabilidades de ultrapassar o milénio.

A Direcção é constituída por José Lavandeira do Monte, Presidente; Rui Pedro Carreira, Victor Hugo Lima Alves, Paulo Jorge Lima Alves, Gaspar Gaifém Vendeiro, Marco Aurélio Silva Fonseca, Carlos Miguel Araújo, Hélder Palmeira Cabral, José Miguel Venda. Assembleia geral: José Abel Gaifém Almeida, Presidente. Conselho Fiscal: Rui Fernando Oliveira, Presidente.

Doação de sede à Associação “Águias de Serpa Pinto”

A Câmara Municipal de Esposende, através de protocolo assinado em 30 de Maio passado, cedeu um lote de terreno à Associação “Águias de

Serpa Pinto”, de Fão, para construção da futura sede social.

“Para além da cedência do terreno, a Autarquia vai atribuir à Associação “Águias de Serpa Pinto, um subsídio no valor global de cerca de sete mil contos para construção da sede”.

A popular colectividade fangueira, com

provas dadas pela sua actividade social, cultural e recreativa, “fica dotada de melhores condições...” e contribuir para a dinamização deste Concelho. Fica, por isso, em igualdade de condições com outras associações, já beneficiadas com idênticos apoios.

Na gravura, o final do acto de assinatura do protocolo, com a participação do presidente da Câmara Municipal de Esposende e os dirigentes da Associação.



Assinatura do Protocolo entre a C.M.E. e a Associação Águias de Serpa Pinto

Artur L. Costa

DESPORTO

Por
JOÃO PEDRAS



FUTEBOL

No dia três de Julho reuniu-se pela 2.ª vez a Assembleia Geral do Clube Futebol de Fão, em sessão extraordinária para debate de um assunto de grande importância no futuro desta colectividade: a concretização de um novo complexo desportivo.

Os associados presentes aprovaram por unanimidade a constituição de uma comissão formada pelos principais elementos que compõem os órgãos sociais do clube: Presidente da Assembleia Geral - Júlio de Sá Pereira, Presidente e Vice-Presidente da Direcção, respectivamente - Paulo Sérgio Campos e Manuel da Mota Lopes e ainda o Presidente do Conselho Fiscal - Gustavo Costa.

Na sessão ficou registado em acta que esta comissão tem plenos poderes para negociar o actual campo de futebol, pois da venda do mesmo sairão os argumentos financeiros para a construção do novo parque desportivo.

Esta comissão ficou incumbida de entregar na Câmara Municipal de Esposende uma fotografia da acta aprovada relativa à assembleia para que este organismo municipal concretize a promessa feita ao C. F. de Fão: a doação dos terrenos e do projecto para a primeira fase do empreendimento desportivo.

Os associados do clube terão conhecimento dos assuntos tratados pela Comissão através de assembleias periódicas.

DOENTES

• Foi submetida a uma melindrosa operação do foro digestivo, no hospital de Barcelos, a nossa conterrânea Maria do Céu Pedras da Silva.

A intervenção correu bem e a post-operada, já se encontra em franca convalescença e, portanto, livre de perigo.

Folgamos com a sua recuperação.

• O nosso prezado assinante dr. Fernando Lima Marques, da cidade de Braga, tem sido apoquentado ultimamente com problemas de saúde.

Ao querido amigo enviamos um abraço de solidariedade e o desejo de uma recuperação total.

NOVA ASSINANTE

Deu-nos o prazer de ficar assinante de "O Novo Fanguero" uma das participantes do último almoço-convívio que juntou algumas das mais antigas famílias da praia de Fão, D. Maria Paula Pimenta Claro Henriques, moradora no Porto.

Fazendo votos pela recuperação total da saúde, daqui lhe endereçamos o nosso *bem haja*,

- Também nos deu a honra de se subscrever como assinante de "O Novo Fanguero" o sr. António do Carmo Teixeira, de Vila Nova de Gaia.

A este pedido de assinatura e a outros que ultimamente temos tido, não têm sido indiferentes os trabalhos apresentados pelos nossos dedicados colaboradores Carlos Mariz e Artur Costa.

Recentemente recebemos uma carta de outro nosso apreciado colaborador, o sr. Óscar Fanguero, que nos diz textualmente o seguinte: "Gostaria de felicitar o sr. Carlos Mariz pelos seus trabalhos históricos sobre o Bom Jesus de Fão".

E mais nos diz este bom amigo que tem raiz fanguera: "Espero que Fão conserve os seus espaços verdes e a orla marítima e fluvial, de acordo com o respeito pela natureza.

ÁGUIAS SERPA PINTO

Nas comemorações de mais um aniversário do Águias Serpa Pinto, estão a realizar-se vários números que tem animado o meio local. De entre todas as realizações já levadas a cabo, permitam-nos que destaque a exposição que esteve patente no edifício da escola das Pedreiras. Estiveram em mostra trabalhos de 9 artistas, sete dos quais eram fangueiros.

Permitam-nos que os apresente:

Eulália Queirós, Artur Hipólito, Manuel Morgado, Vânia Hipólito, José Ramos da Silva, Mário Belo e Armando Barbosa.

Foi uma surpresa para nós e para muita boa gente. Houve autênticas revelações de quem nunca suspeitámos qualquer veia artística. Que outro mérito não tivesse, esta mostra teve o condão de revelar a propensão para as artes que mora no coração de muitos conterrâneos.

Também pudemos contemplar a arte de Conceição Maranhão e de Manuel Russo, ambos de S. Bartolomeu. Os seus trabalhos revelam igualmente geiteira para os valores que se fundamentam na beleza.

Parabéns a todos. Quanto ao resto, remetemos o caro leitor para a bela entrevista do Presidente Lavandeiras dada ao nosso jornal.

CLUB NÁUTICO DE FÃO

Por deliberação da Assembleia Geral realizada no dia 29 de Maio último, foram eleitos os Órgãos Sociais do Club Náutico de Fão para o biênio 1999/2001, assim constituídos:

Direcção - Presidente: Manuel José Capitão Vale (advogado); Vice-Presidente: João Pedro G. Vilarinho Rodrigues (bancário); Tesoureiro: Luís António Silva Pereira (func. adm. local/est. universitário); Vogais: Lázaro Fonseca Penetra (electricista), António Pereira Durães (empresário), Luís Filipe Pereira Ferreira (militar), Célio Roberto Andrade Pereira (técnico de vendas).

Conselho Fiscal - Presidente: Almor António Miranda da Costa (engenheiro); Vogais: Carla Alexandra Alves Neiva (Lic. Adm. Pública), Jorge Alexandre Lemos Silva Correia (engenheiro).

Assembleia Geral - Presidente: Manuel Vieira; 1.º Secretário: Carlos Palma Rio; 2.º secretário: Vítor Pinto.

Foi a vez de Manuel Vieira ceder o lugar que vinha ocupando desde a fundação do clube, a um seu continuador. Contra o que muitos pensavam, não deixou "cair o poder na rua". Com o mesmo empenho com que dirigiu o clube durante muitos anos, soube escolher um naipe de directores que com toda a certeza vão seguir a senda vitoriosa alcançada por ele e pelos seus pares. Sim é também imperioso dizê-lo: O Né esteve sempre bem acompanhado, mas o mérito da escolha foi sua.

Ao dr. Manuel José desejamos uma longa e vitoriosa presidência.

L.A. - VEGAS E "FRISCO" SÃO GRANDES ESTÚDIOS

(Continuado da pág. 7)

anos a fazer e é maior do que o novaiorquino Central Park. Em jangadas junto ao cais, dezenas de focas brincando, lutando e em "concerto de vozes", lojas a venderem ostras que garantem pelo menos uma pérola e os lindos centros de Cannery e Girardheli, este dos famosos chocolates.

Já em Las Vegas, os milhares de máquinas e de mesas de jogo: alguém ficou milionário? Mas sensacionais são os "shows" e o tamanho dos grandes hotéis, todos com casino. No "Mirage", quedas de água transformadas em lava de vulcão e fogo; no "Treasure Island", duelo entre duas grandes caravelas, com os piratas a vencerem os ingleses; no luxuoso "Bellagio", lindíssimo, no enorme lago Cuomo, jogos de água de efeito inegalável. Também o hotel da MGM, com 5005 quartos e 9000 funcionários, numa cidade com um milhão de habitantes e milhão e meio de turistas por mês! Também em "As moitas" (tradução de Las Vegas), o "Hall of Fame", museu sobre os grandes artistas de cinema e espectáculos, com um vídeo sobre os incêndios e implosões nos grandes hotéis, e outro sobre a história da cidade, começada no "Tropicana", como mostrou o filme "Casino" de Scorsese, dominada pelas e pelos "Máfias". E no quinto andar do "Imperial Palace", um museu com 200 carros antigos, entre os quais os de Hirohito, Hitler, Mussolini, Marilyn Monroe, Peron, Kruschew e dos presidentes americanos.

Em San Diego, economicamente a terceira cidade do U.S.A. o grande porto naval e militar, longa ponte Bay Bridge de acesso a Coronado, com lindos condomínios e praias, a "velha cidade" com grande influência mexicana e o Balboa Park, cheio de atracções, entre os quais doze museus.

Por toda a parte, ainda, hospitais e organismos com facilidades para os veteranos de guerra e seus familiares. Em San Diego, os autocarros com excelentes estruturas para os muitos deficientes físicos. A América (uma parte), com qualidades e defeitos. Comó todos nós, afinal...

Dias Costa



Optica

Oliveira

Aleixo Ferreira, L.^{da}

Gabinete de Optometria
e Contactologia

Rua da Misericórdia, 4-6

Tel. (053) 275777 • Fax: (053) 271161 - 4700 BRAGA

PÁGINA AGRÍCOLA

Por A. RAMOS ASSUNÇÃO



MÍLDIO DA VIDEIRA

Plasmophora Vitícola
Berl. et Toni

(CONTINUADO DO NÚMERO ANTERIOR)

- A - Importância dos factores climáticos.
- B - Órgãos mais receptivos.

C - Estado ou estados fenológicos (diversas fases de crescimento) mais propícios ao ataque do parasita.

Para que numa planta se dê o aparecimento de uma doença, são necessários que em simultâneo apareçam três factores:

- 1.º - Presença de inóculo (agente que provoca a doença).
- 2.º - Planta receptiva (hospedeiro).
- 3.º - Condições ambientais favoráveis.

A - A temperatura e a humidade são factores climáticos necessários ao desenvolvimento do míldio.

B - Todos os órgãos da videira são receptivos ao míldio, sendo no entanto em maior escala as folhas e as inflorescências (cachos antes de "abrir").

C - Os estados fenológicos mais críticos para a videira são os compreendidos entre os estados F e J, isto é antes do início da floração, a floração e a Alimpa (7 folhas).

O míldio passa o Inverno na forma de ovo (Oósporos) nas folhas caídas no Outono. Estes ovos amadurecem tanto mais cedo, quando mais cedo chegar a Primavera; isto é, a eclosão dos referidos ovos de Inverno (Oósporos) dá-se a uma temperatura superior a 11° C desde que haja humidade, na forma de chuva.

Os oósporos originam, assim, umas frutificações, denominadas macroconídios. Estas frutificações (macroconídios) necessitam também de água e de temperatura para que os oósporos possam germinar, dando origem uma vez germinados a zoósporos (esporos biflagelados). Os zoósporos caindo em gotas de água depositadas na folha de uma videira, e estando a temperatura ambiental compreendida entre os 18 e os 22° C, libertam-se dos flagelos e penetram pelos estomas da folha. E nestas condições, passadas cerca de 2 horas, provocam a infecção primária.

Desta infecção primária resulta após um período de cerca de 8 a 10 dias a característica Mancha de Óleo. Esta 1.ª infecção coincide em geral com os estados fenológicos F e J - Início da floração e a Alimpa (7 folhas).

Ao período compreendido entre a infecção e o aparecimento da Mancha de Óleo, chama-se incubação, e é tanto mais ou menos prolongado quanto é mais ou menos elevada a temperatura e a humidade.

A mancha de óleo observa-se em melhores condições na página superior da folha. Passados dias deixa ver ao mesmo nível pela parte inferior umas frutificações exteriores esbranquiçadas - os conidióforos - na extremidade dos quais se encontram os conídios. Estes esporos uma vez libertos caem noutras folhas da mesma videira ou de outras vizinhas, originando zoósporos que irão provocar infecções secundárias.

Estes corpos necessitam de temperaturas compreendidas entre 7 e 30° C para germinar, e morrem a temperaturas à volta dos 35/36° C; com o ar quente e seco também não germinam.

Sintomas

Como já se referiu o míldio ataca todos os órgãos da videira: folhas, flores e cachos (estes até ao início do pintor) e sarmentos não atempados.

(Continua no próximo número)

Estados Fenológicos ou Vegetativos da Videira



Exposição evocativa do centenário da Escola Amorim Campos

A Escola Profissional ocupa o espaço da Escola de Amorim Campos e organizou uma exposição didáctica, para evocar o centenário do edifício, onde se ministrou o Ensino Primário durante cerca de 100 anos.

De entre os actos que assinalam a efeméride, e que vão decorrer até final do corrente ano, a exposição tem um objectivo: "recordar os bons velhos tempos" e, também, recordar a figura de Amorim Campos, ao tempo, o filantropo que deu melhores condições de ensino aos filhos de Fão.

Expostos no Centro Cultural, objectos e documentos de valor histórico e de estimação capazes de impressionar os antigos alunos. Aliás, se consultarmos os livros, começaremos por apreciar a fundação da Caixa escolar, constituída em 8 de Março de 1929, sendo autoras as professoras: Maria Joaquina da Costa Vieira, Palmira Maria da Costa Ferreira e Zulmira Pinheiro Borda.



Outra obra foi a Cantina Escolar, aberta em Maio de 1952. E, uma vista de olhos pelo livro de assentos das despesas (pasmese) no primeiro mês de funcionamento, fechou-se com um total de 103\$40. Um ano depois, Março de 1953, a despesa subiu para 126\$30. A Maria Augusta – Professora e membro da Junta de Freguesia – que guardou ciosamente o caderno dos seus "deveres" escolares, testemunhou que a sopa da Cantina "Era bem boa". Acreditamos, porque no meu tempo, ainda, era melhor.

Interessa salientar, a par deste apontamento, as carteiras já carcomidas pelo uso e pelo tempo, dizem muito à nossa gente; da caixa do sistema métrico e decimal por onde se aprendeu: "o quilo é igual ao litro". Então, "qual pesa mais: um quilo de... Arre! Ai, Nossa Senhora..." E os mapas, inteirinhos, através dos quais, tínhamos de saber os rios de Portugal, as linhas férreas desde o Minho até ao Algarve, as serras! O corpo humano, escrever de carreirinha, certinho, de aparo hoje muito esquisito. E o livro das matrículas, o livro das presenças... Muitas histórias haverá por contar.

Domina a exposição, o retrato do patrono dos edifícios e que a Escola Profissional se preocupa em conservar.

A vedeta será, certamente, o projecto e as plantas das obras de restauro e de ampliação, com nova fachada, para a Rua de Amorim Campos, a escadaria de granito, de estilo moderno, com recepção e atendimento, serviço de apoio, sete salas de aula. "Mas não chegam para as necessidades", informou o director, o Dr. António José Conde, o pedagogo que veio "virar tudo de pernas para o ar" a fim de oferecer aos vindouros obra feita, numa Escola que é "a ponte para o futuro", da nossa juventude.

Artur L. Costa

NOTÍCIAS DO BRASIL

Como no outro número informámos, o "chefe" Miro, mais a sua esposa, estiveram no Rio de Janeiro cerca de três semanas a matar saudades com os seus familiares (em casa do irmão Jesus) e com alguns amigos fangueiros.

O encontro pode resumir-se como um *convívio comovente*. O Maximino, actual campeão do fangueirismo em terras de Santa Cruz, não podia faltar, bem como a sua esposa Rosa. Falar com o Maximino é falar de Fão, sobre Fão e à volta de Fão. Ele reiterou-nos um recado: que o jornal dê mais fotografias de Fão. Vamos tentar. O pior é que quando falta espaço, as primeiras vítimas são as fotografias...

O "chefe" disse-nos que esteve com o Adriano Quintas que é taxista no Rio. Este Adriano fez a 4.ª classe connosco. Éramos do mesmo ano. E ainda o Raimundo, o Flávio, o Tone Gaifém, o Manuel Gaifém, o Hermenigildo, o Albino Campos, o Albino Viana, o Quim Frade e, se bem nos lembramos, também o Casimiro Matias e, claro, se era o Casimiro, tinha que ser também o Zeca, ou eles não fossem irmãos, para mais, gémeos e a vestir da mesma cor. Se faltar alguém, que barafuste, mas com esta coisa da idade, a memória é a segunda coisa que falha...

Mas voltemos ao "chefe, Miro. Ele disse-nos que os seus primos Ivan, filhos do Joaquim Pedrosa, assim como a sua irmã Soeli estão mortinhos por conhecer Fão.

Também os filhos de Jesus exactamente o Renato, a Helena, a Oflia, a Ana Luísa e a Márcia, bem como a mãe Rosaura anseiam por visitar Fão. A esposa do Jesus fala com muito carinho da sua sogra Oflia. A Helena, segundo os palpites do

Chefe, será a primeira a visitar-nos. Serás benvinda, Helena.

Curioso achado do chefe: ele esteve junto à bomba (de gasolina) que era do nosso conterrâneo, o saudoso Artur Sobral. Ainda lá trabalha um empregado desse tempo.

Uma notícia triste foi-nos transmitida: o Amâncio, Carlos Amâncio Carvalho Dias, morreu há tempos, precisamente em Março. Ele era da nossa rua. Mais novo um bocado, brincámos muito na nossa infância. A sua estadia no Brasil não foi muito feliz. Que ao menos descanse em paz.

VENDE-SE

Esta lancha - 5m



Telef. 892111 - Manuel Gomes Pereira
Rua Amorim Campos, 10 - Fão

CASAMENTO

No Mosteiro do Bom Jesus uniram-se pelo matrimónio a filha do nosso assinante José Serra, dr.ª Natália Maria Espinheira Serra e Pedro Nuno Lima da Silva. Foi celebrante o nosso Prior, Rev. Padre Vilar. Abridhantou a cerimónia o Grupo Coral de Fão.

NOVO TALHO JACINTO

Carnes de Qualidade "APÚLIA"

Talho 1 - ☎ (053) 981920

Talho 2 - ☎ (053) 981946

FAX (053) 981920

OS 300 ANOS DO FORTE S. JOÃO BAPTISTA - CORTEJO HISTÓRICO

Iniciaram-se as comemorações dos 300 anos do Forte S. João Baptista, na foz do rio Cávado, uma das defesas do litoral de entre os séculos XVII/XVIII, que teve acção preponderante no período das invasões francesas. O ciclo dos actos comemorativos vai prolongar-se até 19 de Agosto próximo.

Na Biblioteca Municipal decorreu uma sessão, onde o Vereador da Cultura, Dr. Penteadó Neiva, fez a apresentação e o anúncio dos vários actos da efeméride, entre os quais o ciclo de conferências sobre os 300 anos do forte; as exposições e o cortejo histórico evocativo, bem como a apresentação do número 20 do Boletim Cultural especial. Nesta edição é publicado um dos temas da tese de Doutoramento do Professor Brochado de Almeida, que trata do "Povoamento Romano do Litoral Minhoto entre Cávado e Minho - Esposende". Sobre esta obra, o autor disse: "trata-se de livro técnico, mas feito de forma a ser entendido pelas pessoas". De resto, é nesta obra que se aprofunda o estudo da arqueologia no concelho. Por isso, "Há em preparação um roteiro de estudo, para facilitar a vida dos alunos de História e de Arqueologia".

O Dr. Rui Carvalho, a propósito das comemorações dos 300 anos do forte, indicou as várias fases em curso destas comemorações e, bem



Forte S. João Baptista visto do lado sul

assim, o calendário das conferências a proferir, das exposições sobre os seguintes temas: armaria, no Museu; bibliografia sobre o Forte, na Biblioteca; mostra de materiais alusivos ao funcionamento do farol no próprio local.

De salientar, as visitas guiadas ao Forte, em 7 e 21 de Agosto, mas será no cortejo que se concentram as maiores atenções. Vai constar de cinco carros, cujo figurado se baseia nos seguintes quadros. O forte, a defesa da costa, as invasões francesas, as lutas liberais, o farol de Esposende. Serão necessários cerca de 200 figurantes para recriarem a época.

A conferência inaugural do ciclo sobre os 300 anos do Forte é proferida por Mestre João Viana Antunes, sob o tema: "Os fortes do litoral minhoto e a Zona raiana", com o apoio de projecções. O risco, o formato dos edifícios, com referência para alguns deles: Forte do Cão, Forte do Rego da Fonte, Lovelhe, atalaia de Azevedo, Forte de Âncora, S. João Baptista, na Foz do Cávado, a raiana torre de Alapela, em Monção, estiveram a cargo da Aula de Viana, com o Eng.º Manuel Vila Lobos, em 1701. O conferencista fez a projecção de mapas sobre a localização de todos estes edifícios militares.

Na mesma sessão foi apresentada a Agenda das Actividades para o mês de Julho, incluindo festas e romarias no concelho de Esposende.

Artur Costa

FALECIMENTOS

Na Rua Serpa Pinto faleceu, em meados do mês de Junho, Maria Gonçalves Campos.

Na mesma rua faleceu, em fins de Junho, a nossa conterrânea Maria Júlia Penetra Gonçalves Caseira, vítima de doença que não perdoa.

Aos familiares apresentamos os nossos pêsames.

DE FRANÇA

Para gozar umas merecidas férias, encontram-se entre nós os nossos conterrâneos João Maria Ferreira Ribeiro e Carlos Daniel de Jesus Carlos, procedentes, respectivamente, da Suíça e da França.

Desejamos uma boa estadia.

Família XAVIER

(Origem: Navarra - Espanha)

S. FRANCISCO XAVIER (1506-1552)

- Jesuíta; natural de Xavier-Navarra;

JERÓNIMO XAVIER (1549-1617)

- Jesuíta (por adopção o apelido - foi neto duma irmã de S. Francisco Xavier);

FRANCISCO XAVIER

- Vivia em 1697 - era filho do 3.º Conde da Ericeira;

FRANCISCO XAVIER

- Vivia em 1720 - abridor de cunhos da Casa da Moeda, no Brasil;

FRANCISCO XAVIER

- Vivia em 1751 - foi ajudante de abridor de cunhos, na Casa da Moeda de Lisboa;

JOSÉ CÂNDIDO XAVIER (1769-1833)

- Professor de Humanidade;

FILIPPE NERY XAVIER (1804-1875)

- Escritor de Goa;

ALFREDO AUGUSTO CALDAS XAVIER (1852-1896)

- Oficial do exército, explorador geográfico, administrador, engenheiro e economista;

RAÚL MARIA XAVIER

- Nasceu em Macau em 23.3.1894 - escultor e professor;

EUGÉNIO CÂNDIDO XAVIER

- Vivia em 1909 - autor da Medalha da "1.ª Exposição Internacional do Palácio de Cristal, no Porto";

FRANCISCO XAVIER DE OLIVEIRA (1702-1438)

- Escritor e Secretário da Embaixada em Viena (Áustria). Seguidor de Lutero, não regressa a Portugal, que lhe parece "um relógio atrasado pela Inquisição". Ataca o obscurantismo religioso. Crítica a sociedade portuguesa milagreira, supersticiosa, beata e sebastianista!

Oscar Fangueiro

O NOVO FANGUEIRO

Mensário Regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:

Maria Emília Corte-Real

COLABORADORES PERMANENTES

Armando Saraiva
Maria Emília Corte-Real
Fernando de Almeida
Cecília de Amorim
Dinis de Vilarinho
J. C. Vinha Novais
A. Ramos Assunção
Artur L. Costa
Rosália Oliveira
João Pedras
Carlos Mariz
Marta Mariz Mendes
Aida Viana
Florinda de Almeida

PROPRIEDADE:

Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:

Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Apart. 36 - 4740 FÃO
0931.9451867 / Telex. 02-6000295 / 053-981475

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

BINOGRÁFICA
Rua Elias Garcia, 129 - PÓVOA DE VARZIM
Telex. 615230 / 884318 - Fax 884304

Assinaturas de "O NOVO FANGUEIRO"

Anual..... 1000\$00

A cobrança de "O Novo Fangueiro" através dos Correios será por conta do assinante.

O que concluiu de um passeio a Viseu

Há uns dias atrás, nós, os oito primos, fomos de abalada até Viseu. Cidade bonita, sim senhor, ela tem de tudo. O que impressiona logo de início é o aprimorado do burgo: chão limpo, muito limpo, árvores em abundância. Tem dois excelentes parques, esplanadas soalheiras, bem tratadas e que por isso convidam ao assento e ao disfrute; pudemos ainda contemplar uma zona histórica, vielas estreitinhas – foi com emoção que revimos a casa onde viveu Augusto Hilário e cuja memória nós, estudante de Coimbra, ali viemos homenagear em memorável serenata no dia do seu centenário – e sobretudo algumas casas onde se come bem, bebe-se melhor e se canta o fado. O fado!... Que surpresa encantadora!... E por mor dessa surpresa, evocámos a nossa terra, a terra de Fão e tentámos analogizar, ou seja, comparar as duas. Seria possível?

Digamos que em Fão há uns arremedos daquilo que existe com abundância em Viseu. Num aspecto as duas localidades se assemelham: na profusão de árvores. Mas há uma diferença que as distingue: enquanto o seu número em Viseu tem vindo a aumentar, em Fão a tendência é para diminuir: Caso paradigmático foi o que aconteceu com o habitual. Tendo em conta a necessidade que a natureza tem de árvores, daríamos ao local mais uma vocação de bosque, de repouso e de abrigo, erguendo uma cortina arborícola que protegesse a zona das nortadas incómodas. Estamos a lembrar o recinto das piscinas do Hotel do Pinhal protegido com uma álea de arbustos, aquilo a que os ingleses dão o nome de *fence*. Em Viseu verificámos uma simbiose dos dois esquemas: tufos de arvoredo com espaços agradáveis, quer para a vista, quer para as deambulações.

Ali cultiva-se igualmente a tradição. Uma das suas referências culturais chama-se exactamente Augusto Hilário estudante e cantor coimbrão que deixou *marcas*: “Quando o Hilário cantava...” Sem perder tempo, os visenses agarraram-se a essa memória, transformaram-na em cunho tradicional da terra e daí a existência de restaurantes onde se cultiva o fado. Nós abancámos a um deles, exactamente o *Retiro do Hilário*, que vive sob a égide do malogrado moço estudante, e somos obrigados a confessar que, embora bem rodado neste *metier*, ou seja, neste ambiente, vivemos ali uma das chamadas noites inolvidáveis. O principal artista era o empregado de mesa, porventura *doublé* de dono da casa (não nos interessou perguntar) que além de ser um bom *diseur*, dedilhava a viola com mestria, cantava toda a espécie de fados, quer fossem de Coimbra, quer fossem de Lisboa, distendia a voz com facilidade ao longo de duas escalas, tinha o condão de improvisar e ainda de o compôr. O timbre de voz fez-nos recordar o dr. Edmundo Bettencourt. Era acompanhado por um guitarrista e aceitava os préstimos de qualquer “espontâneo” que por lá se acantonasse. Nesse sábado memorável apareceu e tomou parte na noite um advogado da região, dotado também de uma voz divina, que pelos vistos era já um *habitué*. E afirmamos tal, porque os dois acompanhavam-se maravilhosamente, faziam por vezes coro e até se disputavam ao desafio, o que

indiciava longo treino e grande convivência.

A determinada altura parava o baile, que é como quem diz, parava a música, e o “dono” lá ia de mesa em mesa servir a quem ainda não tinha servido, sempre antecioso, comedido, em suma, um *gentil-homem*. (Caro dr. Manuel Sobral Torres, quando puder, passe por lá).

Fão é também uma terra de tradições que tem como poscénio as célebres e inolvidáveis “revistas” que geralmente deixaram “marcas”, a maior das quais foi para nós o restaurante A Lareira, criado pelo nosso amigo Gil de Vilhena. Viveram-se ali noites de glória, sobretudo no “consulado” de Alexandre Sá que no entanto acabou por desistir. Sucedeu-lhe o Feliz Gaifém que, mais propenso a

substituiu-se ao restaurante A Lareira no que diz respeito a distrações. A princípio actuou a Vânia, filha do dono dos Três Arcos. Vimo-la actuar uma vez. Boa voz, boa presença, auto-apoiada num violão, entremeava canções do antigamente com árias modernas, tanto nacionais como estrangeiras. Presentemente quem rege a batuta do cançonetismo é um moço brasileiro que debita modinhas da “banda di lá”. Embora nesta coisa de usança, e de cantorias a nossa opção se incline para aquele aforismo que recomenda que “em Roma se romano”, a afluência e o entusiasmo não são menores do que eram anteriormente: Os turistas, encaminhados por guias bem integrados no “milieu” enchem as sextas.



O autor destas linhas situa-se à direita embaixo

passar cheques do que a subscrever letras, entendeu por bem substituir as cantigas de amor e de amigo pelas já hoje famosas *costeletinhas* que lhe acientaram a casa com bichas de espera.

Bem, mas a tradição, já não sendo o que era, não morreu na vila fangueira. O Trocadinho

Que dizer desta nossa visita à cidade viseense? Somos levados a concluir que a nossa terra é uma realidade virtual que precisa do esforço e da determinação de todos os fangueiros e que esses todos devem amar o todo que é Fão.

A.S.

I Centenário dos Correios de Fão – Carimbo especial dos CTT

O serviço de Correios e Telégrafos completa 100 anos de existência em Fão. O centenário será assinalado em 13 de Julho, por iniciativa da Junta de Freguesia com o apoio de dois quadros superiores dos CTT, aposentados.

Delineado o programa, quer pela Autarquia, quer pelos Correios (CTT), os actos a ocorrerem em 13 de Julho, têm início nas instalações remodeladas da Estação, sita no Largo da Praça. Segue-se a abertura das exposições no Salão dos Bombeiros Voluntários, com palestra sobre filatelia, por convidados do Clube Nacional de Filatelia, no Porto; no Centro Cultural, no Largo das Rodas, palestra pelo Vereador da Cultura, Dr. Penteadinho Neiva, sobre a história dos Correios, em Fão. Os CTT, em local, vão afixar um carimbo especial nas correspondências entradas para expedir ou, a pedido de interessados.

Prevê-se a presença do Eng.º Emsílio Rosa, presidente do Conselho de Administração dos

Correios de Portugal (CTT), Directores Regionais, presidente da Câmara Municipal de Esposende, entidades de Fão e do concelho de Esposende, para o efeito convidados.

I MOSTRA FILATÉLICA DE FÃO – PARTICIPANTES

A convite da organização, vão participar na I Mostra Filatélica de Fão os seguintes filatelistas: Dr.ª Adélia Passos Ponte, Dr. José Cândido Vinha Novais; Artur Lopes da Costa; Carlos Domingues Mariz; Humberto Gonçalves Didier; José Ramos da Silva; Prof.ª Maria José Borda Rodrigues; D. Maria Nely Silva Capitão Machado e Dr.ª Rita Olga Cubelo Faria Furtado.

Foram convidados pelo Clube Nacional de Filatelia do Porto, os senhores Fernandes de Sousa, Eduardo de Sousa, José Alberto Rocha e Manuel Porto Carrero.